



“MAS QUE DROGA!”: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA INICIAL DOCENTE

Pedro Leal de Souza (lealpedro30@gmail.com)
Lorena Pintanel Espinoza (lorena.pespinoza@outlook.com)
Peterson Fernando Kepps da Silva (keppspeterson@gmail.com)
Mélany Silva dos Santos (melany_feliz@yahoo.com.br)
Lavínia Schwantes (laviniasch@gmail.com)

Eixo temático: 1. Experiências e Práticas Pedagógicas.

1. INTRODUÇÃO

Com a reformulação do curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG que ocorreu em 2019, uma nova disciplina foi inserida na grade curricular: Seminário Integrador em Ciências e Biologia (SICB). Como é ressaltado no plano de ensino da própria disciplina, ela tem como objetivo principal articular os conteúdos biológicos tanto com a prática pedagógica quanto com os próprios conteúdos. Ou seja, mostrar para os licenciandos como podemos relacionar a biologia com outras áreas do conhecimento, trazendo para a prática pedagógica um olhar mais interdisciplinar. Além disso, o SICB também busca relacionar as variadas áreas da biologia dentro de sala de aula, pois assim como em outras áreas do conhecimento, encontramos dificuldade na hora de integrar os conteúdos dentro da nossa própria área. Por esses motivos, a disciplina busca praticar esse movimento de articulação dos assuntos com os futuros professores desde sua formação inicial.

A disciplina está presente em todos os anos do curso, sendo dividida em três partes: SICB1, SICB2 e SICB3. Para este trabalho, vamos relatar a experiência que vivenciamos a partir do Seminário Integrador em Ciências e Biologia 3 (SICB3), que foi realizada no segundo semestre de 2019. A disciplina foi ministrada por 6 professoras de diferentes áreas que trabalharam com o terceiro ano da Biologia Licenciatura, justamente como uma tentativa de integrar os conteúdos biológicos. A partir das discussões feitas no decorrer do semestre, chegamos à uma proposta de oficina, que serviu como avaliação do primeiro bimestre. Juntando profissionais de diferentes áreas, buscamos abordar na oficina um tema que fosse capaz de relacionar os conteúdos biológicos, afim de aproximar as diversas áreas da própria Biologia.

Para isso, ocorreu uma conversa com as professoras da disciplina e decidimos em conjunto que o tema da atividade seria as drogas de abuso. Então, os quatro alunos que estavam cursando a disciplina tiveram a oportunidade de idealizar e aplicar juntos, a oficina em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio de um colégio da rede estadual de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. O assunto foi escolhido por ser capaz de abranger diversas áreas da Biologia, desde a fisiologia vegetal das plantas que originam as drogas, até a fisiologia humana do usuário. Ou até mesmo de outras áreas do conhecimento, como a Química, Física, o histórico das drogas ou as questões de políticas públicas que foram abordadas durante a atividade.



Neste trabalho, iremos, em um primeiro momento relatar como foi nossa experiência ao idealizar uma atividade que foi aplicada em uma turma regular do Ensino Médio. Durante a formação de professores, exercícios como esse são muito significativos já que a maior parte das aulas pensadas pelos licenciandos são simulações de aulas reais, aplicadas dentro da própria universidade. Após isso, vamos descrever como foi o desenvolvimento da oficina no dia da sua execução, juntamente com algumas das nossas reflexões acerca dos resultados alcançados com a atividade.

2. PLANEJAMENTO DA OFICINA: PENSANDO DE FORMA INTERDISCIPLINAR

Ivani Fazenda, ao analisar o conceito de interdisciplinaridade diz que “cada disciplina precisa ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas, nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram” (FAZENDA, 2014). Ou seja, não basta apenas unirmos as disciplinas que um dia foram separadas na grade curricular, precisamos entender que as diferentes disciplinas contemplam os mesmos saberes (FAZENDA, 2014), pois o mundo real é complexo demais para ser definido simplesmente dentro disso ou daquilo.

Tendo isso em mente, escolhemos um tema potente capaz de englobar diversos conteúdos biológicos e não biológicos: as drogas. Um dos requisitos para desenvolver a atividade era que devíamos trabalhar com as disciplinas que cursamos durante o terceiro ano do curso. Dentre elas tínhamos “Políticas Públicas” que atribuía ao nosso trabalho diversos conteúdos fora da Biologia e também “Farmacologia das Dependências Químicas” que nos acrescentava vários temas pertencentes à área da química. Fora essas duas, as demais disciplinas eram da área biológica, como é o caso de Fisiologia Humana, Fisiologia Vegetal e Biofísica.

Muitas vezes, dentro de uma mesma área do conhecimento como a Biologia, os assuntos se encontram muito distantes um dos outros, dificultando que os alunos e professores tenham uma visão macro das coisas que os cercam. Por exemplo, para estudar o corpo humano, encontramos diversas áreas especializadas em certos conhecimentos como a cardiologia responsável pelo sistema circulatório ou a neurologia responsável pelo sistema nervoso. Porém, ao se especializar demais, acabamos praticamente separando coisas que já são naturalmente juntas, como no caso dos sistemas dentro do nosso corpo. É interessante observarmos isso pois, se queremos unir áreas distintas buscando a interdisciplinaridade, devíamos antes pensar em unir a nossa própria área que muitas vezes acaba ficando bem fragmentada.

Além de ser um assunto potente quanto a interdisciplinaridade, as drogas atualmente são um problema de saúde pública que atinge diversas faixas etárias, localidades e camadas socioeconômicas. Sendo assim, além de promover a interdisciplinaridade acreditamos que temas como esse são de extrema relevância no contexto escolar, pois além de desmistificar conceitos e promover um debate de relevância social e contextualização com o meio, é possível informar alunos que possam ter contato com essa problemática de alguma forma em suas vidas.

Logo no início do planejamento, definimos junto às professoras o tema que seria abordado na oficina, e ao longo das aulas da disciplina, fomos elaborando a atividade. A oficina ficou intitulada de "Mas que droga!" e foi apresentada em uma



escola da rede estadual do Rio Grande do Sul na cidade de Rio Grande para em média 30 alunos do 1º ano do Ensino Médio. Na ocasião apenas quatro alunos estavam cursando a disciplina, então os quatro se uniram em somente um grupo para a realização da atividade. As primeiras ideias e propostas surgiram por volta de um mês e meio antes da aplicação da oficina. Os professores e alunos tiveram tempo para arquitetar os assuntos que seriam abordados e fazer os ajustes necessários.

Dentre as atividades que fizemos durante a disciplina, observamos a turma em que aplicaríamos a atividade em duas oportunidades antes de aplicar de fato a oficina, para ter uma ideia do número de alunos e da forma com que a turma se comportava. Precisávamos pensar em uma maneira de discutir com os estudantes do ensino médio sem que o assunto ficasse maçante, pois seria uma oficina longa, de 1 hora e 30 minutos. É importante destacar que durante todas as atividades da disciplina, as professoras acompanharam os licenciandos, que na ocasião, estavam assumindo o papel de oficinairos. Desde o planejamento, no próprio ambiente da Universidade, até as visitas de observação na escola e a aplicação da atividade.

Para isso, inicialmente pensamos em um circuito que seria percorrido pelos alunos. Esse circuito simularia desde a entrada da droga no corpo humano até a saída. Iríamos explorar como as diversas drogas agem dentro de nós, desde o primeiro contato com as estruturas do corpo humano até a degradação ou eliminação do composto ativo. Porém, o planejamento precisou ser um pouco alterado pois como seriam muitos alunos e a sala de aula não era muito grande, não conseguiríamos executar essa ideia da forma ideal. Acontecimentos como esse são fundamentais principalmente durante a formação de professores, uma vez que, muitas vezes em sala de aula as coisas não acontecem exatamente como planejamos, exigindo o “plano B” tão conhecido pelos professores. Felizmente, como estávamos planejando a atividade com antecedência, tivemos tempo de repensar toda a dinâmica.

Então, recorreremos ao Datashow. Leva-lo para a sala de aula, possibilitaria que imagens e vídeos auxiliassem os apresentadores. Pensamos em fazer algo mais voltado para uma discussão com os alunos, ao invés de uma exposição do conteúdo, buscando sempre a contribuição de todos no andamento da oficina, pois sabíamos que por se tratar de um assunto do conhecimento de todos, com certeza algum deles teria algo para acrescentar ao trabalho.

Por fim, dividimos a apresentação da oficina em quatro momentos. Cada um deles seria apresentado por um dos licenciandos que estavam cursando a disciplina de SICB3. Primeiro, buscamos trazer um pouco de história, mostrando para os alunos quando e porque os seres humanos começaram a ter contato com as substâncias que hoje consideramos drogas. Além disso, ainda nesse primeiro bloco, vamos mostrar para os estudantes o “ciclo da droga” que compreende desde a produção, passando pelo transporte e pelo tráfico até chegar ao usuário.

Depois disso, no segundo bloco, abordamos a legalidade ou ilegalidade das drogas e os efeitos que elas podem ter no corpo. Elencamos com auxílio dos professores as mais comuns em nossa concepção: álcool, cigarro, maconha, crack, loló, ecstasy, cocaína, LSD, heroína e metanfetamina.

No terceiro bloco, comentamos sobre a tolerância, dependência e abstinência, trazendo informações sobre o sistema nervoso e como ele reage ao entrar em contato com as drogas. Por último, no quarto bloco, fechamos a oficina conversando com os



estudantes sobre as técnicas de redução de danos, já que, é importante que eles tenham conhecimento disso caso algum dia tenham que lidar com alguma situação envolvendo toda essa problemática.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

No dia da oficina, professoras da disciplina eicineiros chegaram à escola e se instalaram na sala de aula, juntamente com a professora de Biologia da escola, que cedeu suas aulas para que pudéssemos trabalhar. Todo o contato e negociação de horários entre nós e o colégio foi feito pelas professoras da disciplina. Começada a oficina, perguntamos aos alunos “por que as pessoas usam drogas?” e eles foram respondendo coisas como “para se divertir”, “para sair da realidade” ou “para esquecer dos problemas”. Levando em consideração o que os alunos iam falando, íamos comentando com eles sobre o assunto.

Explicamos que poderíamos passar o dia inteiro listando os motivos para o uso de drogas, já que, cada pessoa está incluída em uma realidade e possui seus próprios motivos para isso. Não há como encontrarmos uma resposta exata. Os alunos interagiram bastante, com várias respostas para a nossa pergunta inicial e muita conversa. Pudemos perceber que nesse momento, eles se animaram com o tema e com a oportunidade de conversar sobre esse assunto tão comum na juventude e que muitas vezes é deixado de lado.

Utilizando esse gancho, mostramos para os estudantes que desde a antiguidade, os seres humanos utilizavam algumas das substâncias que hoje consideramos drogas, na maioria das vezes para fins religiosos. Após isso, já encadeamos em como ocorre o ciclo da droga hoje em dia, começando pela produção até chegar ao usuário. Durante esse momento, tentamos levar para os estudantes algumas problemáticas envolvidas nesse assunto.

Quando falamos sobre a produção, mostramos que na América do Sul, por exemplo, inúmeras famílias dependem do sustento vindo do plantio de coca, então, não é tão simples para as autoridades simplesmente acabar com as plantações e deixar as famílias sem renda. Ao falarmos do transporte, mostramos que muitas vezes os traficantes utilizam de pessoas que estão em estado de vulnerabilidade para transportar as drogas pelos aeroportos. Isso tudo serviu principalmente para mostrar aos alunos o distanciamento social que encontramos entre os traficantes que lucram milhões com esse negócio e os usuários que acabam perdendo tudo em função da droga.

Ao fecharmos essa primeira parte da oficina, conseguimos notar a atenção dos estudantes voltada para nós. Talvez por ser o início da atividade ou pois estavam interessados no assunto de fato. De uma forma ou de outra, foi muito gratificante para nós percebermos que o que idealizamos estava ocorrendo como o planejado e que os estudantes estavam se envolvendo com a dinâmica.

No segundo momento, iniciamos um assunto um pouco mais problemático, sobre como as drogas são categorizadas de acordo com o ponto de vista legal, sua origem e os principais efeitos biológicos das drogas mais comumente utilizadas. Como as drogas que seriam citadas eram as drogas de abuso, primeiro foi exposto o conceito de “droga” como “qualquer substância não produzida pelo organismo que tem propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações



em seu funcionamento" e que "abuso" é o consumo associado às consequências adversas recorrentes e significativas, mas que não preenchem os critérios para dependência. (Laranjeira e Surjan, 2001)

Para demonstrar tais efeitos, foram feitos slides com modelos de corpo humano, em que os órgãos afetados com o uso de determinada droga eram destacados. Nesse momento, como havíamos observado a turma em aulas passadas, sabíamos que o assunto que eles estavam vendo no momento era embriologia (parte da biologia que estuda o desenvolvimento do embrião), então, conversamos com eles sobre alguns dos efeitos que a utilização das drogas pode causar também nos corpos das gestantes e dos fetos.

Durante a discussão das causas e efeitos surgiram algumas dúvidas vindas dos alunos e parecia haver interesse. Porém, como foram tratados muitos termos mais técnicos como nome de órgãos e elementos químicos, no meio da discussão os alunos perderam um pouco o foco. Isso pode ser percebido no momento da apresentação pois aos poucos os alunos deixaram de interagir com os apresentadores, inclusive se mostrando um pouco sonolentos, deitando sobre as mesas. A professora de Biologia do colégio chamou a atenção de alguns dos alunos para que prestassem mais atenção na apresentação. Acontecimentos como este servem para que nós, professores em formação, tenhamos mais sensibilidade no momento do planejamento das aulas, sempre tentando dosar o conteúdo que será trabalhado para que a aula não fique muito cansativa para os estudantes.

Seguimos para o terceiro momento da oficina. A partir daí, falamos sobre tolerância, dependência e abstinência. Porém, como os alunos estavam um pouco dispersos devido ao assunto anterior, tentamos chamar novamente a atenção deles de alguma forma. O primeiro movimento foi questioná-los sobre o que seria tratado, sendo assim, iniciamos uma conversa a partir das interpretações dos alunos sobre os termos "tolerância", "dependência" e "abstinência". Conversamos sobre o sistema nervoso e a sua relação com o uso de drogas, abrangendo o sistema de recompensa, que diz respeito ao prazer que sentimos ao fazer alguma coisa que achamos satisfatório. Falamos um pouco sobre os neurotransmissores e explicamos que é a partir daí que as drogas fazem efeito no nosso corpo.

Aproveitamos também para falar sobre como as informações são passadas de célula para célula e como tudo isso causa efeito no nosso organismo. Nesse momento, como era um assunto mais específico, os alunos tiveram um pouco de dificuldade para entender, fizeram perguntas e até se mostraram um pouco cansados de tanto receber informações. Pensamos que essa postura tenha ocorrido também pelo tempo, já que a oficina estava quase no fim. Nós achamos importante levar esse tipo de conteúdo para que os alunos entendessem o que poderia acontecer com o corpo ao ingerir alguma das substâncias citadas anteriormente.

Após terminar esse assunto mais biológico e tirarmos as dúvidas, começamos o quarto e último momento falando sobre possíveis alternativas para reduzir os danos ao fazer o uso de drogas e como procurar ajuda em casos de necessidade. Nesse momento os alunos comentaram algumas coisas entre si e foi gerada até uma discussão sobre assuntos pessoais de um dos estudantes que já teve certa experiência com o uso de drogas. Dessa vez, nós,icineiros, chamamos a atenção da turma e seguimos a apresentação. Além de ficarmos um pouco surpresos com a



situação, a mesma foi de extrema importância para nossa formação como futuros docentes, pois devemos saber que dentro de uma sala de aula cada aluno tem sua individualidade e que isso, como em qualquer outro local pode causar desavenças. Então, nesse momento tivemos que tomar a frente da situação para que ela fosse controlada. Acalmamos as falas dos alunos e conversamos um pouco sobre como cada pessoa é diferente e sobre respeito entre colegas.

Ainda nessa parte, falamos um pouco das possíveis consequências trazidas pelas drogas quando não procuramos ajuda: infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), overdose e seus sintomas, câncer, problemas psicológicos e o isolamento social. A todo momento, enquanto tratávamos desse assunto, reafirmávamos que são consequências que podem ou não ocorrer, que depende do organismo de cada usuário. Nesse momento, interagimos bastante com os alunos, demonstrando possíveis situações, utilizando exemplos e fazendo muitas perguntas. Citávamos um exemplo e questionávamos “o que poderia acontecer se fizemos isso?”. Falamos sobre compartilhamento de agulhas, alta dosagem de entorpecentes e algumas situações que podem desencadear ISTs. Assim encerramos a oficina, de forma leve e descontraída, tirando algumas risadas dos alunos.

Para finalizar, perguntamos aos alunos o que acharam da atividade e se nosso trabalho havia sido significativo para eles e a resposta foi que sim: acharam nossa oficina divertida e de fácil entendimento. Elogiaram o modo como abordamos o assunto, pois geralmente, segundo eles, o tema sempre é tratado por policiais e de uma forma agressiva, muitas vezes apenas dizendo o quanto pode ser prejudicial e condenando o uso das drogas. Ouvir dos alunos que as coisas que passamos para eles foram significativas foi muito gratificante para nós. Para fechar, nos despedimos dos alunos, agradecemos o espaço cedido pela professora e pedimos para a turma uma salva de palmas, afinal de contas, o trabalho planejado foi concluído com sucesso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Para nossa formação docente, a experiência de pensar de forma interdisciplinar foi muito válida. A interdisciplinaridade é muito mais do que a junção de disciplinas, ela se entende como uma forma de pensar, uma atitude de ousadia (FAZENDA, 2014). Tendo isso em mente, durante todo o desenvolvimento da atividade, buscamos pensar de forma diferente, não por estarmos apenas unindo conhecimentos diversos, mas porque estávamos tentando colocar em prática algo novo para nós e que é tão importante na formação de professores.

A experiência vivenciada na disciplina de SICB3 foi bastante significativa para nós como futuros professores. Essa oportunidade de estar em sala de aula é praticamente uma das únicas que temos durante o curso antes dos estágios obrigatórios de docência. Além disso, foi muito interessante a ideia de pensarmos toda a oficina sem nos prendermos à Biologia ou alguma área específica dela. Geralmente, quando pensamos em atividades para se desenvolver em sala de aula durante a graduação, nos prendemos a assuntos específicos, porém, no contexto escolar, sabemos que existem outros assuntos igualmente importantes de serem abordados.

Infelizmente, não conseguimos elaborar nada muito além do padrão de aula expositiva e slides que os alunos já estão acostumados. Temos consciência que as dificuldades que enfrentamos para planejar algo para uma turma grande são também



enfrentadas por professores que precisam pensar, muitas vezes, não só para uma turma como foi nosso caso e por isso, acabam no mesmo impasse que nós.

O tema que foi trabalhado durante a oficina foi muito marcante para nossa formação. Todas as problemáticas envolvidas que foram trabalhadas nos fizeram pensar bastante. Durante todo o planejamento e aplicação da atividade, precisamos tomar cuidado com nossas falas e atitudes, já que, para muitos pode ser um assunto delicado. Em sala de aula, devemos estar a todo momento nos questionando: Para quem estou falando? Como esses alunos estão recebendo essa informação? Será que se eu falar desse jeito, vou atingir alguém? Não temos como saber exatamente. Porém, temos como nos atentar e repensar algumas falas. Após a experiência vivenciada, perguntas como essas que foram citadas estarão sempre martelando em nossas cabeças, já que, cada aluno possui sua individualidade e realidade que deve ser respeitada por nós professores.

5. REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: Didática e Prática de Ensino. Revista Interdisciplinaridade, São Paulo, n.6, p. 9-17, abril, 2015.

LARANJEIRA, R. e SURJAN, J. **Conceitos básicos e diagnóstico**. Jornal Brasileiro de Dependências Químicas. São Paulo, vol. 2, junho, 2001.